

## MULTILETRAR PARA ALFABETIZAR NA PANDEMIA: desafios e possibilidades na iniciação à docência

*Rute da Silva*<sup>1</sup>

*Simone Ballmann de Campos*<sup>2</sup>

*Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos*<sup>3</sup>

Alfabetização e formação inicial e continuada de professores – número 7

### Resumo:

A pandemia do Covid-19 trouxe impactos à vida profissional, pública e pessoal, especialmente aos processos educativos, visto o distanciamento social e o fechamento das escolas. Nesse contexto, apresenta-se as experiências vivenciadas pelo Programa de Iniciação à Docência-Pibid, uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), que proporciona a acadêmicas/os na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica. O PIBID no Município de São José/SC, executado pelo Curso de Pedagogia do Centro Universitário Municipal em São José/SC, precisou flexibilizar a sua metodologia na tentativa de alcançar o seu intuito. A participação efetiva dos membros do projeto, e sua realização considerou novas práticas, processos de multiletramentos, preocupação com a formação docente, e, ainda a oportunidade de acadêmicas/os estarem em contato, desde as fases iniciais dos cursos de pedagogia com práticas alfabetizadoras de docentes mais experientes. Considera-se essa possibilidade um dos pontos altos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID. Ao proporcionar a imersão antecipada do licenciando/a na cultura escolar, o estudo e a investigação de práticas de docentes alfabetizadores experientes, aponta-se para possibilidades, no que se refere às demais áreas e dimensões que a atuação na contemporaneidade requer.

**Palavras-chave:** pandemia – PIBID – alfabetização–formação docente

### Introdução

A escrita, aqui apresentada, configura-se por um diálogo nascido de um momento pandêmico, diante de uma experiência pautada nos multiletramentos, no confinamento, nas ruas vazias, na formação docente, na alfabetização como experiência remota e em escolas fechadas.

<sup>1</sup> Mestrado em Educação vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Coordenadora do Curso de Pedagogia pelo Centro Universitário Municipal de São José/USJ. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e suas Multidimensões – GEPDIM/UFSC Contato: rute1.ped@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorado em Educação vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Professora no Curso de Pedagogia pelo Centro Universitário Municipal de São José/USJ. Coordenadora Institucional e de Área do Pibid/USJ. Contato: siballmann@gmail.com

<sup>3</sup> Doutorado em Literatura Africana vinculado ao Programa de Pós-graduação em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Professora no Curso de Pedagogia pelo Centro Universitário Municipal de São José/USJ. Contato: belgomes2712@gmail.com

Nesse contexto, apresenta-se a vivência do Programa de Iniciação à Docência- (PIBID), uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) no Município de São José, ofertado pelo Curso de Pedagogia do Centro Universitário Municipal em São José/SC (USJ). Nesse tempo e espaço, as/os acadêmicas/os bolsistas de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia do USJ, não puderam frequentar presencialmente as escolas de Ensino Fundamental até a finalização do primeiro semestre de 2021; demandando flexibilizar e reorganizar a metodologia do Programa, tendo como eixo central, os saberes necessários e suas variadas dimensões, para alfabetizar e letrar crianças em um contexto atípico, com as escolas fechadas.

E, para trazer essas experiências, nesta escrita, utilizou-se como metodologia a análise temática, pautada nos registros das vivências dos pibidianas/os, elegendo dois elementos que estruturaram esta discussão: incitar a escuta ativa e romper limites pedagógicos.

## **2 Fundamentação teórica**

Como estar remoto, ser remoto, diante um cenário de confinamentos (sociais, emocionais e tantos que circundam as vidas)? O que seria uma poética em uma pandemia, gerada pela Covid-19, em que de um dia para outro ruas foram esvaziadas, salas das casas transformaram-se em ‘home office’, recreios das estavam silenciados, crianças passaram a descobrir os espaços caseiros, e o tempo foi resignificado... O que se dizia impossível para uma sala de aula, passou a ser talvez a única forma de manutenção da aprendizagem, e as tecnologias (computadores, celulares e jogos) fizeram-se presentes nos modos de apreender/ensinar, e a educação como experiência via remota, trouxe um “fazer escola sem corpos presentes, corpos que se tocam, se abraçam, se cheiram e até se empurram e se atropelam; [...]” (KOHAN, 2020, p. 5-6). O desafio é ampliado, ao se considerar o tempo da aprendizagem, os processos de leitura e escrita e as possibilidades de quem alfabetiza.

A contar com a alfabetização em experiência remota, ancora-se na perspectiva de multiletramentos para uma articulação à diferentes modalidades de linguagem, ou seja, para além da escrita considerar a linguagem imagética (estática e móvel), cuja discussão atinge os recursos tecnológicos disponíveis e acessados amplamente em tempos de confinamento. Recorrer ao multiletramento discutido desde 1996, cunhado sob o aspecto da multiculturalidade de um mundo globalizado e a multimodalidade de textos (compostos de muitas linguagens) e sua comunicação, é reafirmar os novos: “[...] letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte — mas não somente — devido às novas TICs, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas

salas de aula de um mundo globalizado [...]” (ROJO, 2012, p. 12).

Portanto, ao multiletramento, é exigido novas práticas e ferramentas, visto que sua amplitude extrapola a era do impresso, e abre (literalmente) janelas para tantos saberes, e parte para um universo de interpretações alternativas e suas relevâncias. Vale dizer que, o multiletramento configura-se por uma característica “fronteiriça e mestiça (linguagens, modos, mídias e culturas).” (ROJO, 2012, p. 23). Isso exige formas de produção, análise e de umbiquidade, que potencializem um outro pensar a alfabetização, e a formação de docentes alfabetizadores. Evidencia-se, aqui, possibilidades nascidas da pandemia, que ainda seguem longe de um ideal, mas caminham em busca de uma experiência de aprendizagem de alcance.

## 2.1 AS LUZES EM MEIO ÀS SOMBRAS

Em meio a um cenário sombrio causado pelo Covid-19 e pela incerteza econômica e social, o impacto de não haver ensino presencial, a partir de meados de março de 2020 no Brasil, promoveu um frenesi educativo ainda não identificado na História da Educação do Brasil. Passado um ano do início da pandemia, mesmo que pesquisas (SESP, 2021) apontem para um decréscimo no índice de aproveitamento do ano escolar, sobretudo no 5º Ano do Ensino Fundamental, concomitante o cenário educacional fortaleceu-se, visto a busca de caminhos para a efetivação do processo de ensino/aprendizagem. Tais caminhos poderão iluminar a educação no pós-pandemia.

Conforme Primo (2008), a popularização da internet, final do século 20, presenciou-se uma inaudita revolução comunicacional, provavelmente a maior desde a invenção da imprensa. A partir disto, a ultrapassagem de barreiras geográficas e temporais promovida pelo desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e a emergência de novos paradigmas sobre o saber, testemunharam em 2020 a necessidade do protagonismo e cooperação docente que, por sua vez, adentrou em uma seara ainda não conhecida pela maioria, mas que abre espaço para uma cultura de reconhecimento desta profissão. Passa-se da instituição presencial, com lógica e tempo fabris, com livro ponto e sirene na entrada e saída, para o *ethos* pós-moderno da ubiquidade, em um tempo cronometrado de outra forma, no qual a educação percebe a necessidade de criar possibilidades.

Nesse meio educativo não linear, acadêmicas/os bolsistas de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia do Centro Universitário de São José - Pibid/USJ não puderam frequentar presencialmente as escolas de Ensino Fundamental até a finalização do primeiro semestre de 2021. Assim, caminhos foram traçados no percurso para o funcionamento do projeto intitulado *A iniciação à docência como fortalecimento do trabalho pedagógico na*

*alfabetização: PIBID no Município de São José.* Flexibilizou-se e reorganizou-se a metodologia do mesmo no intuito de preparar discentes para alfabetizar e letrar crianças em um contexto atípico, com as escolas fechadas.

A epistemologia sobre alfabetização fundamentou-se na psicogênese da língua escrita (1999), tese da argentina Emília Ferreiro, na qual se afirma que durante a apropriação da escrita a criança percorre um processo com uma série de etapas e características específicas. Recorreu-se, para dialogar de forma remota com tal arcabouço, à experiência teórico-prática da professora emérita da Universidade de Minas Gerais, e pesquisadora sobre letramento e alfabetização, Magda Soares, que desenvolveu o projeto Alfaetrar, em andamento desde 2007, e tem como foco a aprendizagem, “continuidade e acompanhamento do desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças dos 4 a 8 anos” (ALFALETRAR, 2021, *online*). Portanto, não há como usar apenas um método de alfabetização, pois, “os métodos não constroem um processo linear, mas, como consequência de muitos e vários fatores intervenientes, configuram-se como um processo de grande complexidade [...]” (SOARES, 2019, p. 51).

Nesse contexto pandêmico, a alfabetização sob a perspectiva dos multiletramentos, lança luzes para que docentes adentrem ao universo remoto, desafiador e incerto, mas que ao tornar-se colaborativo potencializa as oportunidades de intervenção.

## 2.2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR ENTRE OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES...”a beleza de ser um eterno aprendiz”

Alfabetizar na perspectiva dos multiletramentos, exige que docentes avancem na compreensão da construção do conhecimento pela criança, e impõe estudos, reflexões e pesquisas acerca da relação dos conhecimentos de diferentes áreas: linguística, cognitiva e sociocultural. Requer um conjunto de conhecimentos voltados para “[...] possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentidos.” (ROJO, 2012, p. 29). Esse cenário, somado a dívida social da alfabetização ainda presente à população brasileira, fortalecem o consenso de pesquisadores e profissionais da educação que a formação inicial e continuada são fundamentais para esse processo complexo que envolve ensinar a ler e a escrever com sentido, com práticas sociais. Nóvoa (2020) ressalta:

[...] qualquer formação profissional superior implica um elevadíssimo nível teórico e de autonomia, mas implica também um conhecimento do campo profissional, neste caso das escolas e da educação, uma ligação forte com os outros profissionais, a construção de uma identidade profissional que é, ao mesmo tempo, pessoal e colectiva. [...] (NÓVOA, 2020, p.10).

Essa formação especial, sólida e sofisticada, imposta aos docentes e sobretudo ao

docente alfabetizador, precisa estar resguardada nas políticas educacionais. Há mais de uma década trata-se dos dilemas e desafios nas políticas de formação e de valorização dos profissionais da educação básica. Cientes dos desafios para que o docente alfabetizador possa garantir as necessárias condições para o bom desempenho das atividades profissionais nas instituições educativas, segue a militância através de estudos e pesquisas a apontar diante destes cenários. Acredita-se na ideia de que “sem o conhecimento competente da realidade linguística compreendida no processo de alfabetização, é impossível qualquer didática, metodologia ou solução de outra ordem.” (CAGLIARI, 1998, p. 2). Mas também se compreende a importância de investimentos e incentivos na formação artístico cultural do docente alfabetizador

Considerando a perspectiva dos multiletramentos, a digitalidade dos novos tempos, em especial neste período pandêmico, torna-se ainda mais necessário conceber e criar ambientes educativos capazes de prosperar nessa situação. As contribuições aos futuros ou já docentes alfabetizadores acerca de novos entendimentos de texto, leitura, escrita e autoria e outras particularidades do campo, tais quais a literatura e arte tornam-se fundamentais para o trabalho com a formação humana.

### **3 Metodologia**

O Programa de Iniciação à Docência (PIBID), ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das instituições públicas de Educação Básica e com o contexto em que estão inseridas. O PIBID concede bolsas a acadêmicas/os de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino, neste caso, o Centro Universitário Municipal de São José (USJ) instituição pública e gratuita, e a Secretaria Municipal de Educação do mesmo município. Os projetos de iniciação à docência financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC) promovem a iniciação do licenciando no ambiente escolar, visando estimular a observação e a reflexão acerca da prática no cotidiano.

Assim, fortalecendo a formação de acadêmicas/os na relação entre a teoria e a prática docente em ambiente de alfabetização, no sistema público municipal de Educação Básica de São José/SC, a sistematização dessa proposta metodológica contou com os registros das atividades de planejamento, ocorridos tanto no caderno de anotações da/o pibidiana/o, como no *Google Drive* e deram origem a um Diário de bordo/portfólio. Além disso, um plano de atividades docentes sustentado na produção de material didático, jogos, histórias e novas

tecnologias; implementação de espaços lúdicos; e a socialização dos resultados obtidos por meio da participação em eventos científicos e comunitários.

A Coordenadora Institucional realizou encontros semanais via *Google Meet* com as Docentes Supervisoras e com as/os bolsistas de Iniciação à Docência a fim de uma interlocução entre o proposto na teoria e o observado na prática anterior à pandemia.

Dessa forma, no presente artigo, utilizou-se como metodologia a análise temática, a qual “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado.” (MINAYO, 2007, p. 316). Assim, com base na conversa com pibidianas/os, a partir da construção de seus diários de bordo/portifólios, escolheu-se dois elementos que estruturaram a discussão que segue.

#### **4. Investindo na partilha de saberes**

A palavra **partilha** vem do latim *particŭla,ae* 'parte pequena' e significa ato de dividir algo de modo que cada um receba uma parte de um todo. Na pandemia, a partilha tornou-se essencial no contexto educativo em que práticas foram reorganizadas e adaptadas quando o espaço virtual substituiu o presencial. Assim, enaltece-se dois elementos basilares: incitar a escuta ativa e romper limites pedagógicos.

De onde venho? Como foi o meu processo de alfabetização? Qual caminho construiremos? Foram questões que nortearam os encontros iniciais no Pibid em agosto de 2020 e que junto ao tema inovação trouxeram à cena tanto a identidade de cada pessoa que compunha o projeto quanto significados para inovar e educar na contemporaneidade. A impossibilidade de trabalho presencial serviu de alicerce para outras capacitações. Assim, a experiência de Magda Soares em Lagoa Santa, disponibilizada no *Youtube*, foi um arquétipo de prática docente de alfabetização no projeto Pibid. Além disso, artigos e palestras da célebre professora mineira foram dissecados para que saberes fossem atualizados sob a ótica do multiletramento.

Assim, no que se refere ao processo de alfabetização, quais habilidades continuam essenciais? A clareza de quais habilidades são necessárias para a/o acadêmica/o desenvolver, tendo como base o contexto em que vive, a possibilidade presencial ou remota do ensino e as características do processo de desenvolvimento da escrita e da leitura, favorecem ajustes e alinhamentos do constante ciclo de planejar-realizar-avaliar para replanejar. E assim, espera-se que sejam elaborados saberes de relevância para que a educação no Brasil, para além da alfabetização, seja aprimorada.

## 5 Considerações Finais

As contribuições aos futuros ou já docentes alfabetizadores acerca de novos entendimentos de texto, leitura, escrita e autoria e outras particularidades do campo, tais quais a literatura e arte, tornam-se fundamentais para o trabalho com a formação humana. A alfabetização, quer seja em experiência presencial ou remota, é insurgente recorrer à perspectiva de multiletramentos sob o entendimento de uma articulação a diferentes modalidades de linguagem. Na passagem de acadêmicas/os à docentes, e em especial à alfabetizadores reitera-se o quão complexo envolve o ato de alfabetizar ou “alfalettrar”, demandando uma gama de conhecimentos metodológicos, didáticos, sociológicos, psicológicos, bem como, atenção às **sutilezas do aprender e ensinar com afeto e colaboração**.

As reflexões tecidas, a partir deste estudo e desveladas pela experiência docente, confirmam e reconhecem que os novos letramentos emergentes, necessitam também estar voltados às dimensões ética e estética, contemplando a diversidade cultural presente em nossas escolas na contemporaneidade. A vivência dos tempos difíceis para a humanidade, a partir do cenário pandêmico instaurado pelo vírus da COVID-19 trouxe sombras, mas o respaldo na ciência e no esperar de Paulo Freire, vislumbram-se luzes e possibilidades na escuridão.

## Referências

ALFALETRAR. Disponível em <http://alfalettrar.org.br/>. Acesso em 22 jun. 2020.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emilia.; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

KOHAN, W. O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/issue/view/694>. Acesso em: 11 mai. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

NÓVOA, A. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 8-12, ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905>. Acesso em: 28 mai. 2021.

PRIMO, Alex. Ensaio: fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In: PRETTO, NL., and SILVEIRA, SA., orgs. **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. Pp. 51-68. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615091/mod\\_resource/content/1/PRIMO%20Fases.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615091/mod_resource/content/1/PRIMO%20Fases.pdf). Acesso em: 25 mai. 2021.

ROJO, Roxane Helena R. Diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

SÃO PAULO. **Secretaria de Educação de São Paulo** - SESP. Estudantes dos Anos Iniciais tiveram regressão durante a pandemia. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/estudantes-dos-anos-iniciais-tiveram-regressao-na-aprendizagem-durante-pandemia-mostra-avaliacao/>. Acesso em: 28 mai. 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2019.